

BACHELARD: OS CAMINHOS DO SUPER-HOMEM

Marly BULCÃO
UERJ

RESUMO

Bachelard considera a ciência como uma fábrica de fenômenos, impondo-se como fenomenotécnica fornecendo, assim, meios de domínio sobre a natureza. Defende, também, em algumas obras, a tese da oposição entre natureza e cultura. O homem como ser cultural se afasta da natureza para, através da cultura, humanizar o mundo em que vive.

O objetivo de nosso trabalho é discutir, a partir da perspectiva bachelardiana, as implicações do modelo fenomenotécnico de ciência sobre a relação homem-natureza.

Considerando que não existe na obra bachelardiana uma análise explícita dessa questão, vamos procurar depreender, através da reflexão sobre alguns aspectos fundamentais de seu pensamento, qual a posição de Bachelard sobre a relação homem-natureza no contexto da contemporaneidade em que predomina o modelo de cientificidade fenomenotécnica.

A conclusão do trabalho tornará evidente que para Bachelard, ciência e técnica constituem fundamentalmente meios de ultrapassar a condição humana; são, portanto, caminhos de sobre-humanidade. Por outro lado as noções bachelardianas de materialismo e de imaginação criadora podem nos indicar quais os caminhos que levam o super-homem a amenizar os aspectos negativos do modelo fenomenotécnico de ciência, permitindo, assim, que este alcance a plena integração com a surrealidade por ele construída.

RÉSUMÉ

Pour Bachelard, la science est une fabrique de phénomènes, et elle s'impose comme une phénoménotechnique.

Le but de notre article est celui de montrer les implications du modèle phénoménotechnique de la science dans les relations homme-nature, sous le point de vue bachelardien.

Science et technique sont, chez Bachelard, des moyens de surmonter la condition humaine; d'autre côté, les notions bachelardiennes de **matérialisme** et d'**imagination créatrice** signalent des moyens de surmonter les implications négatives du modèle phénoménotechnique de la science, à fin que le surhomme puisse arriver à une pleine intégration avec la surréalité qu'il a construite.

Uma vez perguntamos a François Dagognet, importante filósofo da atualidade e discípulo de Bachelard, se ele se considerava um continuador da obra bachelardiana e ele respondeu que, embora fiel ao mestre, precaveria-se de não repetir simplesmente suas idéias, pois este não era o papel do verdadeiro filósofo. Assim, retomando algumas noções bachelardianas ousou construir novas idéias.

Nosso propósito aqui é semelhante ao de Dagognet, pois não vamos repetir simplesmente as idéias bachelardianas. Retomando as categorias de Bachelard, vamos refletir sobre uma questão, que não foi abordada explicitamente por ele: o tema da relação homem natureza, procurando depreender dos aspectos primordiais de sua epistemologia, qual teria sido a posição de Bachelard no que diz respeito a este tema.

No despertar da era científica e técnica no século XVII, a razão se voltou para a conquista do universo. A palavra chave "domínio posse", lançada por Descartes, significava que o homem deveria dominar e se apropriar do mundo, através da razão e da técnica. Ao propor as regras do método, Descartes estava inserindo a violência objetiva* a da razão numa estratégia bem regulamentada".¹

Em sua obra **L'activité scientifique de la physique contemporaine**, Bachelard afirma:

A ciência de hoje é deliberadamente factícia, no sentido cartesiano do termo. Rompe com a natureza para construir uma técnica. Constrói uma realidade, talha a matéria, dá finalidade às coisas dispersas.²

Apesar de inúmeras críticas que faz ao pensamento cartesiano, Bachelard, como Descartes, exalta o caráter eficaz da ciência. Mostra que a ciência contemporânea é, fundamentalmente, uma “fenomenotécnica”.

Não se pode menosprezar, entretanto, os danos infligidos à natureza pelo homem na sua ânsia de dominação, os danos infligidos por um modelo de ciência, cujo objetivo é dominar e se apossar da natureza.

O petróleo derramado sobre o mar, o óxido de carbono que, poluindo o ar sufoca inúmeras crianças de asma, nossa pele de manchas, a engenharia genética ameaçadora e perigosa, os instrumentos de guerra bacteriológica, capazes de destruir a humanidade numa fração de segundos.

Quem é o responsável por esses males? Quem, senão nossos instrumentos, nossa eficácia, nossa razão, nossa ciência?

Para que se possa compreender qual seria a perspectiva de Bachelard diante dessa questão torna-se necessário discutir alguns aspectos primordiais de sua epistemologia.

O primeiro desses aspectos é a tese da oposição radical entre Natureza e Cultura.

Em **Le materialisme rationnel**, Bachelard afirma que o homem é um ser cultural. Acrescenta, ainda, que o homem é homem por sua capacidade de cultura e que a natureza do homem consiste em ser capaz de se afastar da natureza, através da cultura.

Enquanto a educação define o homem pelos caracteres que o constituem. Bachelard considera que se deve defini-lo pelos caracteres que o fazem evoluir, pelos caracteres que o fazem ultrapassar a condição humana, que o tornam um “super-homem.” É nesse sentido que o homem cria a ciência, ao mesmo tempo, em que se entrega ao jogo fascinante de imaginação poética. Conforme

mostram os textos bachelardianos, ciência e poética são os caminhos para se alcançar a “sobrehumanidade”.

A natureza do homem consiste, pois, em ser capaz de se afastar da natureza pela cultura. É pela cultura que o homem, ultrapassando a condição humana, se torna um super-homem. Ultrapassar a condição humana significa, de um lado, transformar-se, evoluir e, de outro, transformar a própria natureza, criando uma surrealidade.

Ao defender a tese da oposição radical entre Natureza e Cultura, Bachelard está ressaltando a superioridade do cultural sobre o natural. Mostra que, apesar da enorme massa desordenada de fenômenos da natureza ser bem maior diante dos fenômenos ordenados pelo homem, isso não pode servir de argumento para exaltar a superioridade da natureza. O homem, através da ciência, confere ordem e sentido ao caos natural, despertando potencialidades latentes em fenômenos outrora inativos e ociosos.

Conforme mostra Bachelard, o mundo inanimado representa verdadeiros fósseis de pensamento científico. Diante da natureza, uma primeira ordem de facticidade é instituída pela vida que desenvolve fenômenos químicos pré-vitais. Depois em cima dessa primeira ordem, o homem racionalista institui uma segunda ordem de facticidade que faz, de modo diferente, o que a vida havia feito na ordem da criação de substâncias. Escreve Bachelard em **Le matérialisme rationnel**:

A vida desfila e filtra. O planeta verde, os bosques e os prados fazem fotoquímica e absorvem quimicamente a energia do sol. Porém, todos esses fenômenos pré-humanos vão ser superados quando o homem chega ao estado cultural.³

Ressaltando a superioridade do cultural sobre o natural, acrescenta mais adiante:

Se nos fosse permitido, por uma vez, nos servimos desse tipo de expressão, diríamos gostosamente: a Natureza, querendo fazer verdadeiramente química criou finalmente o químico⁴.

A tese filosófica da oposição radical entre Natureza e Cultura significa, também, que o espírito científico deve formar-se contra o que é impulso e ensinamento da natureza. O espírito deve formar-se, reformando-se, ao mesmo tempo em que a natureza, instituindo-lhe ordem e regularidade. Compreendemos a natureza resistindo-a.

Em **L'eau et les rêves**, Bachelard levanta uma questão interessante: mostra que não foi como todos acreditam, a ciência que levou à transformação da natureza. A primeira transformação do mundo supõe o dinamismo do devaneio, pois "jamais se viu o mundo se não se sonhou antes o que se viu"⁵. Certamente a técnica atual representa a materialização de teorias, mas o instrumento mais antigo não é resultado de uma ciência balbuciante, decorre, ao contrário, do poder do devaneio.

Para Bachelard, o "homo faber" é inteiramente artificial e desaparece diante do "homo ludens". Assim, não foi a necessidade de navegar que levou o homem a singrar os mares, mas sim, o devaneio, o sonho, que, num ímpeto de sobrehumanidade, levou o homem a cruzar o oceano na busca de novos horizontes. Os interesses sonhados, mais poderosos, levam a empreendimentos arriscados. Em **L'eau et les rêves** Bachelard afirma:

Acredita-se sempre que o homem pré-histórico resolveu o problema de sua subsistência pela inteligência(...) A utilidade de navegar não é suficientemente clara para determinar o homem pré-histórico a entalhar uma canoa. Não há utilidade alguma que legitime o risco de partir sobre as ondas.

Para enfrentar a navegação são necessários poderosos interesses. Ora os verdadeiros interesses são os interesses quiméricos. São os interesses sonhados, não são aqueles que se calculam.⁵

Pode-se, então, concluir, que o homem, enquanto ser cultural, transforma a natureza, impondo-lhe uma ordem humana. É nesse sentido que Bachelard afirma em **L'engagement rationaliste** que a idéia de mundo é uma abstração ideológica. Mostra que "a realidade já não é pura e simples natureza" e o que chamamos de

mundo é resultado de um trabalho humano e humanizador. A ciência representa, assim, a posse humana da natureza.

O segundo aspecto que vamos destacar é a noção de ciência como “fenomenotécnica”.

Para Bachelard, o ideal de cientificidade não é mais calcado na descrição da realidade, mas sim na coerência racional realizada. A ciência, em lugar de descrever a realidade apreendida pelos sentidos, se transformou numa fábrica de fenômenos. Conforme diz Bachelard “no mundo do químico não se pode certamente dizer que tudo o que é possível existe naturalmente, mas pode-se afirmar que tudo o que é possível pode ser fabricado.”⁶.

Para Bachelard, o objeto da ciência não é mais encontrado na natureza, não é um objeto oferecido a pesquisa do cientista, não é um dado. O objeto científico é resultado de um trabalho racional e técnico. É nesse sentido que para Bachelard “a noção de dado é imprópria para caracterizar o resultado de laboriosas determinações experimentais”. A ciência contemporânea, através de racionalizações e técnicas constrói seu objeto, age sobre a natureza, substituindo o real pelo realizado, o dado pelo trabalhado. Para Bachelard, a ciência contemporânea tem como papel agir sobre a natureza com o intuito de transformá-la, construindo uma surrealidade.

Em diversas obras Bachelard se declara materialista. O materialismo bachelardiano é o terceiro aspecto que vamos analisar..

Trata-se de um materialismo peculiar, que nada tem a ver com qualquer outra forma de materialismo, defendida ao longo da história da filosofia.

O materialismo bachelardiano se apresenta sob dois aspectos: como materialismo científico, nas obras em que ressalta os aspectos materialistas da ciência contemporânea e como imaginação material, quando mostra, na via poética, que a função imaginante é decorrente do contato provocador da matéria.

Em **Le materialisme rationnel**, Bachelard contrapõe o materialismo científico ao materialismo filosófico, acusando este último de ser um materialismo massivo, imobilizado, um materialismo sem matéria. A atitude que as filosofias materialistas chamam de

objetiva é, apenas, “idealmente objetiva,” pois é uma atitude que recusa o contato”, detendo-se nos aspectos exteriores da matéria, prendendo-se, portanto, as primeiras convicções que a matéria nos traz.

O materialismo científico, ao contrário, é um materialismo instruído, experimentador, é um materialismo que fornece meios de domínio sobre a matéria. Conforme diz Bachelard:

Parece necessário, por conseguinte estudar verdadeiramente o materialismo da matéria, o materialismo científico, instruído pela enorme pluralidade dos diferentes objetos materiais, o materialismo experimentador, real, progressivo, humanamente instrutor.⁷

Para que se possa compreender melhor a especificidade do materialismo bachelardiano, torna-se necessário analisar sua concepção de matéria.

Para Bachelard, o conceito de matéria apresentado pelos filósofos é primitivo e sem qualquer elaboração mais profunda. Alguns explicam a matéria pela forma, reduzindo-a a geometria de átomos, outros consideram a matéria como a anti-forma, já que esta é identificada ao não-ser, enquanto a forma é identificada ao ser. “A matéria é, para os filósofos, o informe e o informável, recebendo todos os matizes pejorativos do inominado ao inominável.”⁸

Para Bachelard, a instância específica da noção de matéria é a resistência. Aprender a matéria como resistência, é afastar tudo aquilo que é captado pelo olhar, tudo aquilo que advém da contemplação passiva do objeto. Aprender a matéria como resistência, é provar de sua solidez, é considerá-la como obstáculo a transpor, a penetrar. Aprender a matéria como resistência é abandonar a atitude de simples filósofo diante do universo e se transformar em força ativa que age contra a substância das coisas, contra a materialidade do mundo.

Para Sartre, o viscoso é modelo simbólico de perigo. Para Bachelard, o viscoso é uma provocação sob a forma de matéria. É nesse sentido que, no pensamento bachelardiano, conhecer é amassar, esmagar, trabalhar, é transformar a matéria do mundo.

O materialismo bachelardiano aparece, pois, como a filosofia que exalta o conhecimento pelo confronto com a materialidade do mundo, como a filosofia que tenta resgatar os aspectos dinâmicos e profundos da natureza que são desprezados quando se reduz o conhecimento à pura contemplação.

Ao exaltar o materialismo, Bachelard está denunciando o “vício da ocularidade, uma atitude que tem predominado no pensamento filosófico ocidental. A crítica ao “ocularismo” constitui o quarto e último aspecto que discutiremos.

Conforme mostra Bachelard, a “ocularidade”, pecado original da nossa tradição científico-filosófica, é a atitude que reduz o conhecimento à contemplação passiva do mundo. Dessa forma, fundamenta o ato de conhecer na visão, fazendo o mundo aparecer como “panorama,” como “espetáculo” a ser observado, enquanto os aspectos de materialidade e de resistência são negligenciados e afastados como obscuridade e como irracionalidade. Isso aparece muito claro no texto que se segue:

Os olhos em paz vêm as coisas, recortam-nas sobre o fundo do universo e a filosofia, ofício dos olhos, ganha consciência do espetáculo. O filósofo põe um não-eu face ao eu. A resistência do mundo não passa de uma metáfora, não é mais do que uma “obscuridade,” do que uma irracionalidade.⁹

Bachelard combate tenazmente, ao longo de sua obra epistemológica e poética, a “ocularidade,” a forma, a fórmula, procurando desembaraçar a filosofia do privilégio das determinações visuais.

O “ocularismo” se revela no próprio vocabulário básico da ciência e da filosofia que emprega termos como: “idéia”, “teoria,” “visão de mundo,” “evidência”, e “perspectiva”.

Bachelard exalta a mão em detrimento do olhar, mostrando que não tem sentido reduzir o conhecimento a pura contemplação. Sua obra aponta a ineficácia da “filosofia ociosa” da tradição, impondo, contra o “vício da ocularidade, “que o conhecimento se faça pela mão, pelo corpo e não pelo simples olhar. Exorcizando hábitos e atitudes,

denuncia o “ócio” do dogmatismo, o repouso inativo da contemplação. A razão tecno-científica é fundamentalmente trabalho porque se impõe como reorganização de idéias, porque pensa através do instrumento, porque implica no confronto com a resistência do mundo.

Após a análise dos aspectos que consideramos fundamentais no pensamento bachelardiano, pode-se tirar algumas conclusões sobre a questão da relação homem-natureza.

Constata-se, primeiramente que o homem não deve ser passivo diante do mundo, não deve ter uma atitude puramente contemplativa, recebendo, apenas, o que a natureza tiver a oferecer.

Para se realizar como ser cultural o homem deve ser ativo, deve ter uma atitude de confronto com o mundo, através da qual este é visto como resistência a vencer. É nesse sentido que Bachelard exalta o trabalho e enfatiza a transformação da natureza.

Inevitavelmente nos deparamos novamente com a questão fundamental que tem mobilizado os movimentos ecológicos do mundo inteiro, a questão que o homem atual enfrenta o desafio de responder:

A ciência contemporânea, considerada como “fenomenotécnica”, como confronto com o mundo não está fundamentada num modelo de conhecimento que levaria à destruição da natureza?

Como é possível que um filósofo da atualidade, um filósofo como Bachelard exalte esse modelo de ciência?

Numa conferência intitulada: “A vocação científica e a alma humana”, realizada em Paris a 3 de setembro de 1952, Bachelard diz que “é muito comum nos depararmos com filósofos que desvirtuam a função da ciência”. Acrescenta mais adiante:

Incansavelmente repetem a anedota do feiticeiro que põe em ação certas forças ocultas que depois não sabe deter, quando se tornam perigosas. Simples fato de julgarem com imagem tão pobre e tão falsa as responsabilidades da ciência, mostra que não conseguiram perceber toda a

novidade implícita na situação do homem perante à ciência.¹⁰

Bachelard defende nessa conferência que a ciência não é responsável pelo drama humano, assim como, “a faca não é responsável pelo crime”. Afirma que aqueles que acusam a ciência estão confundindo **vontade de saber** com **vontade de poder**. E que os malefícios, provenientes da ciência, são oriundos do desejo de fazer mal e não da **vontade de saber**.

A análise feita por Bachelard pode parecer por demais simplista. Muitos epistemólogos mostram que há uma relação intrínseca entre ciência e sociedade.

Embora admitindo que de fato há uma relação muito estreita entre o saber científico e os fatores sociais, temos que reconhecer que Bachelard parte de uma perspectiva internalista e que sua preocupação é, portanto, analisar as revoluções ocorridas no interior das teorias científicas contemporâneas. Não há, assim, interesse em abordar a questão da relação entre ciência e sociedade, o que, a nosso ver, não impede que se possa tirar certas conclusões no que diz respeito a essa questão.

Da epistemologia internalista de Bachelard pode-se destacar dois pontos que, ao nosso ver, são de importância incontestável não só no que diz respeito à compreensão da ciência como para a questão que levantamos neste trabalho.

Em primeiro lugar, a obra bachelardiana é, fundamentalmente uma exaltação à imaginação criadora. Ressalta na atividade científica, campo das idéias claras e distintas, o papel fundamental e fundamentante da imaginação, que abre novos horizontes representados pela “surracionalidade” das teorias atuais. A razão contemporânea, impulsionada pela imaginação criadora, se afasta da racionalidade cartesiana dogmática e absolutista. Enfatiza, também, a função imaginante do devaneio, que provoca o fluxo ininterrupto de imagens belas e originais que, renovando o real, substituem a realidade pobre do percebido pela surrealidade imaginada.

O outro ponto a destacar é que o pensamento bachelardiano se impõe como uma filosofia que resgata o corpo. Enquanto a filosofia

ocidental sempre privilegiou a alma, o espírito, o abstrato em detrimento do corpo, Bachelard, sublinhando o aspecto materialista do conhecimento, mostra que conhecer é, em última instância, um corpo a corpo com o mundo.

Dessa forma, o conhecimento implica em trabalho, em manipulação, em transformação, o que faz da filosofia bachelardiana, uma celebração do corpo.

Nossa conclusão terá como fundamento os diversos aspectos levantados.

Retomando a tese bachelardiana da oposição entre natureza e cultura, constata-se que, para Bachelard, não tem sentido buscar a integração plena entre homem e natureza, pois isso significaria, em última instância, a anulação do homem, enquanto ser cultural.

Os textos bachelardianos nos ensinam, porém, algo mais. Mostram que o homem, enquanto ser possuidor de cultura, é capaz de construir caminhos de sobre humanidade que, não só lhe ampliam, enquanto ser, fazendo-o evoluir para além dos seus próprios limites, como, também, permitem que o homem construa, através da função imaginante, uma surrealidade muito superior a natureza “pura,” pois é resultado de um trabalho humano e enriquecedor que substitui por um novo real a realidade empobrecida do “dado”.

Pode-se então, concluir que ciência e poética, como os caminhos do “super-homem,” permitem, através do exercício inesgotável da imaginação criadora, que o homem se integre não mais ao mundo natural, mas a surrealidade por ele construída.

Se, entretanto, a ciência extrapola, às vezes, o jogo imaginante, transformando-se em instrumento de destruição da natureza e da própria humanidade, cabe, também, ao “super-homem”, encontrar, através da imaginação criadora, os meios para evitar a prática insensata da ciência.

Não se pode esquecer, entretanto a advertência que perpassa toda a obra bachelardiana.

Para alcançar a integração almejada, é imprescindível que o homem se faça corpo. Abandonando os parâmetros da tradição científico-filosófica, fundamentada primordialmente na visão, o homem deve resgatar o contato corpo a corpo com o mundo, reencontrando, assim, o paraíso corporal experimentado, um dia, no intercâmbio primitivo com a natureza e que a criança, como um materialista nato, consegue reviver de forma tão espontânea.

Fazendo-se corpo e se lançando no jogo inebriante e criador da função imaginante, o homem estará seguindo os caminhos do "super-homem", que levam de um lado à ampliação do seu próprio ser, permitindo, de outro, penetrar na intimidade mesma do mundo, alcançando, assim, nova forma de integração com a natureza.

Bachelard compreendeu isso muito bem ao nos dizer em *L'eau et les rêves*: "um homem é um homem na proporção em que é um super-homem".¹¹

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - SERRES, M. - **Le contrat naturel**, Paris, Éditions François Bourin, p. 44.
- 2 - BACHELARD, G.- **L'activité rationaliste de la physique contemporaine**, Paris, PUF, p. 10.
- 3 - IDEM, **Le matérialisme rationnel** Paris, PUF, p. 56.
- 4 - Ibid, p. 56.
- 5 - IDEM, **L'eau et les rêves** p. 100.
- 6 - IDEM, **Le pluralisme cohérent de la chimie contemporaine**, p. 228.
- 7 - IDEM, **Le matérialisme rationnel** p. 27.
- 8 - Ibid, p.43.
- 9 - IDEM, **La terre et la rêverie de la volonté**, p. 36.
- 10 - Conferência realizada por Bachelard em Paris em 3/9/52.
- 11 - IDEM, **L'eau et les rêves**, p. 23.